

“VARGEM GRANDE VALE A LUTA”: A LUTA CONTRA A REMOÇÃO EM VARGEM GRANDE/RJ

Karina Adad de Miranda

Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

karinnaadad_@hotmail.com

RESUMO: Vargem Grande é um bairro da cidade do Rio de Janeiro que no ano de 2016 iniciou um movimento de resistência à remoção. A partir disso e movida pela suspeita de haver ali a presença de um elo afetivo entre os moradores e o lugar procurei analisar em que medida os afetos em relação ao bairro impactavam e impulsionavam a luta pela sua preservação. Para tanto, procurei trabalhar com uma bibliografia que combinasse antropologia das emoções com geografia humanista, de maneira a dar conta de dois temas que são poucas vezes atualizados em conjunto: afeto e lugar. Para o atingimento do objetivo proposto foram realizadas entrevistas em profundidade com 6 residentes, os quais permitiram concluir que a resistência contra a remoção se deu a partir da organização política que tinham como propósito a preservação das características naturais, mas também dos modos de vida e da história local.

Palavras-chave: emoção, resistência, lugar

GT – “6”: “Território e ativismos sociais urbanos”

*“E então a luta é muito maior do que o que vocês pensam.
Se vocês pensar [sic] que tem uma vitória,
nunca vai ter vitória, vitória.
Não tem comemoração.
Não existe isso.
Existe luta depois da luta, mais luta depois da luta”¹.
(Yuri)*

1 INTRODUÇÃO

O ambiente físico, no qual o ser humano age e interage, também pode ser visto como um **ambiente afetivo**. Dessa forma, o lugar habitado passa a ser produtor de uma série de emoções que surgem tanto da relação com o meio natural quanto com os demais sujeitos humanos. A ideia de que interações com o meio engendram percepções, atitudes e valores, os quais resultam no surgimento da **topofilia** (TUAN, 1980), permite compreender como o lugar desperta afetos naqueles que o vivencia. De acordo com Tuan (1980), há lugares que despertam emoções, embora elas não sejam sentidas por todos na mesma intensidade. Isso porque é necessário um contato mais intenso do que o proporcionado pela mera apreciação visual, é preciso tocar para sentir, mas também experienciar e viver o lugar.

Assim a topofilia enquanto “elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vívido e concreto como experiência pessoal” (TUAN, 1980, p. 5) exige que haja um contato físico com a natureza que vá além da apreciação visual. De acordo com o autor, tanto o turista quanto o camponês são passíveis de experienciar a topofilia, contudo enquanto o primeiro experimenta um deleite estético e efêmero, o segundo, por ter com a terra um contato mais íntimo, vivencia um sentimento mais profundo, complexo e duradouro. É por esse motivo que neste último tipo de pessoa o lugar pode ser visto como uma extensão da própria corporalidade², sendo difícil dissociá-los.

Enquanto local onde se constitui o lar, se criam memórias, se desenvolvem vínculos afetivos e se tira o sustento, o meio adquire **significado**, o qual depende da presença do ambiente físico e da interação humana. Formando as três categorias que compõem o espaço, **natureza, relações sociais e significados** agem uns sobre os outros, de forma que a combinação de todos eles faz com que o lugar adquira valor, logo sentido (SACK, 1997). Sem esse sentido, o espaço passa a ser vazio, neutro, apolítico (SMITH *et al*, 2009) ou, nas palavras de Lefebvre (2001),

¹ Transcrição de uma passagem da fala de um morador de Vargem Grande em entrevista concedida à autora.

² O lugar visto como uma extensão do corpo, isto é, como fazendo parte do próprio sujeito aparece tanto no trabalho supracitado de Tuan (1980) quanto nas falas dos moradores de Vargem Grande, as quais compuseram a seção onde trata da relação afetiva entre os moradores e o bairro carioca. Cf. MIRANDA, 2019.

‘espaço abstrato’. Nesse contexto, a ausência de significações torna o ambiente desprovido de emoções, uma vez que estas são e assim devem ser entendidas como eventos que se dão *no* e reverberam *através do* mundo real e por extensão do lugar.

Como consequência pensar o meio considerando apenas seus aspectos físicos, os quais podem ser captados pelos sentidos de forma efêmera ou superficial, ao invés de associado aos afetos, gera um lugar desprovido de valor e por essa razão impossível de ser habitado, tanto que do ponto de vista de Smith *et al.* (2009) esse tipo de lugar nem ao menos existe. A partir da compreensão de que as emoções correspondem a construções culturais³ e que, portanto, variam de sociedade para sociedade muito mais do que de indivíduo para indivíduo, seu surgimento depende da existência de uma localidade na qual as ações humanas específicas de cada coletividade se desenvolvem. Isso quer dizer que um grupo de agricultores vivencia o campo e estabelece elos afetivos diferentes do experienciado por cidadãos urbanos.

Entre os moradores do bairro de Vargem Grande, localizado na cidade do Rio de Janeiro, o lugar e, mais especificamente, a relação afetiva com o lugar, foi fundamental para iniciar o enfrentamento ao processo de remoção objetivada pelo poder público. A partir de entrevistas em profundidade realizadas com seis moradores da região, entre nativos e não nativos, foi possível perceber como os aspectos físicos e os afetos apareceram como importantes variáveis de análise. A afetividade surgida nas referências feitas ao bairro, mas também relacionada às interações vividas ali, serviram para ilustrar o conceito de topofilia elaborado por Tuan (1980), na medida em que possibilitaram ver presente nas falas dos entrevistados a existência de uma conexão forte entre a ligação emocional com o lugar e a motivação para a ação política em defesa do território.

Partindo de uma bibliografia que procurou combinar antropologia das emoções com geografia humanista, a pesquisa de mestrado que deu origem a este trabalho pretendeu mostrar como a resistência surgida em Vargem Grande é tributária de uma relação afetiva com o bairro por parte de seus habitantes. Para que se possa compreender por que os moradores eram contrários à remoção, proponho num primeiro momento fazer uma descrição do local, salientando as características positivas que o tornam importante para os seus moradores. Em seguida, explico o conflito instalado entre os residentes e o poder público, elencando os propósitos visados por cada

³ Isso quer dizer que as emoções antes de serem pressupostos dados biologicamente e inerente a todos os seres humanos, elas correspondem a construções sociais, na medida em que podem ser vistas e expressas de formas diferentes a depender de um determinado grupo social. Nesse contexto, uma teoria biológica que visa determinar os afetos como dados é substituída por uma abordagem culturalista. Cf. ROSALDO, 1984; LUTZ, 1988; MIRANDA, 2019.

grupo. Por fim, discuto como Vargem Grande, a partir dos laços afetivos ali desenvolvidos, motivou a luta política.

2 A REGIÃO DAS VARGENS E O BAIRRO DE VARGEM GRANDE

O bairro de Vargem Grande está situado na chamada região das Vargens, localizada na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. Essa região é composta ainda pelos bairros de Vargem Pequena e Camorim, os quais se destacam não só pelas características ambientais, mas também, territoriais, populacionais, sociais e urbanísticas (figura 1). Apresentando em 2015 uma área territorial total de 5.267,86ha, as Vargens, apesar de possuírem as maiores extensões de terra da capital, figuram entre as regiões com menor área urbanizada. No caso específico de Vargem Grande apenas 15,56% de sua extensão total é urbanizada (IPP, 2018).



Figura 1. Recorte da baixada de Jacarepaguá destacados em vermelho os bairros de Vargem Grande, Vargem Pequena e Camorim.

Fonte: elaboração da autora em cima de imagem do Google Maps (2018).

Essas taxas combinadas com os baixos números de domicílios, que somados não chegam a 20.000 (10.559 em Vargem Pequena, 5.925 em Vargem Grande e 1.224 em Camorim), e de uma população que totaliza 43.259 pessoas (IPP, 2018), mostram a necessidade de se lançar uma atenção especial a esses número no intuito de alcançar um melhor entendimento sobre as peculiaridades que marcam a região. A nível de comparação, e tomando por base informações de 2010, tem-se em Vargem Grande uma densidade demográfica 100 vezes inferior à de Copacabana, considerada um dos bairros mais densos do Rio de Janeiro. Enquanto este contaria com

aproximadamente 356,97 hab/ha, aquele teria 3,56 hab/ha. Toda a região se notabiliza por mais da metade de suas superfícies não apresentarem “características tipicamente urbanas, como a presença de proximidade entre as edificações, loteamento, padrões de arruamento característico de áreas urbanizadas e uma intensa ocupação urbana” (IBGE, 2018), evidenciando o seu caráter predominantemente rural e parcamente povoado.

No que diz respeito à Vargem Grande, grande parte do bairro é contornado pelo Maciço da Pedra Branca, no qual está localizado o Parque Estadual da Pedra Branca, cuja importância justifica-se não apenas pela riqueza natural, mas pelo valor paisagístico, arquitetônico, cultural, paisagístico e geográfico. No que concerne ao último ponto, o parque abriga uma rede hidrográfica responsável pelo abastecimento de água da região circunvizinha, a qual ainda alimenta três macrobacias do município, Baía de Guanabara, Baía de Sepetiba e Lagoas Costeiras. Devido ao aspecto natural ainda bem preservado, o bairro notabilizou-se como polo ecoturístico, contando com passeios a cavalo, aluguel de sítios, criação de plantas ornamentais e trilhas rústicas, o que somado às suas qualidades cênicas e climatológicas permitiu o surgimento de um polo gastronômico, a construção de um parque aquático e de um pequeno número de hotéis.

Apesar do desenvolvimento turístico, a economia em grande parte baseia-se na agroecologia e na agricultura familiar através da produção de alimentos e de plantas medicinais para consumo próprio e/ou comercialização, além da criação de animais, sendo realizadas nos quilombos, nos assentamentos de pequenos produtores e em moradias com quintais produtivos (ARTICULAÇÃO PLANO POPULAR DAS VARGENS, 2017). Nesse sentido, a questão agrícola vem sendo cada vez mais discutida e, na tentativa de ver resguardada essa prática, bem como de estimulá-la por meio do empoderamento de seus praticantes, têm surgido na área feiras livres orgânicas nas quais os moradores podem comercializar os produtos que garantem a sua subsistência.

Paralelamente, os aspectos urbanísticos ligados à regularização fundiária, infraestrutura urbana, espaços públicos e mobilidade permanecem ignorados pelo poder público. Caracterizado pelo “avanço de condomínios irregulares sobre áreas de preservação ambiental” (ARTICULAÇÃO PLANO POPULAR DAS VARGENS, 2017, p. 13) e por um crescimento elevado da área ocupada por favelas, Vargem Grande sofre com o aumento da violência e da militarização proposta por grupos de milicianos; ausência de saneamento ambiental, pavimentação adequada e iluminação pública, bem como com a carência de espaços de lazer comunitários,

centros de cultura, escolas de nível médio e técnico e bibliotecas públicas (ARTICULAÇÃO PLANO POPULAR DAS VARGENS, 2017).

3 A ORIGEM DO CONFLITO

Vargem Grande no primeiro código de obras da capital do Estado da Guanabara (Decreto 6.000/37) esteve inserida na zona rural ou agrícola, o que obrigava a que todas as edificações ali construídas fossem destinadas a fins habitacionais e agrícolas. Em 1969, com as atenções voltadas para a Baixada de Jacarepaguá, o arquiteto e urbanista Lúcio Costa traçou um projeto urbanístico prevendo que as terras de Vargem Grande, Vargem Pequena e os campos de Sernambetiba fossem caracterizadas como áreas de cultivo reservadas a sítios, granjas e chácaras (FERNANDES, 2013), situação que se manteve até início dos anos 2000 (ARTICULAÇÃO PLANO POPULAR DAS VARGENS, 2017). Nesse período, graças ao esgotamento do potencial construtivo da zona sul e centro e a consequente expansão urbana para a zona oeste teve início a elaboração de novos PEU⁴s visando a ocupação também da zona norte (NAME, CARDEMAN, 2014). É justamente dessa década os primeiros projetos tendendo ao adensamento da região das Vargens.

Primeiro, foram previstos novos índices construtivos atrelados à cobrança de uma contrapartida financeira, denominada “outorga onerosa do direito de construir”. Em outras palavras isso quer dizer que com o pagamento de um valor estabelecido em lei seria possível construir além do permitido inicialmente. Porém, uma ação judicial impediu que essa norma entrasse em vigor. Num segundo momento, visando a implementação de mudanças urbanística necessárias para a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016, um novo foi aprovado. Nesse projeto, ausentes os debates com a população e os estudos de viabilidade (NAME, 2010), foram estabelecidos parâmetros desproporcionais para a capacidade de absorção populacional da área.

Dentre os indicadores urbanísticos mais importantes capazes de permitir uma compreensão da proporção das mudanças sofridas, podem ser mencionados a diminuição da área mínima do lote

⁴ Concebido para ser “um conjunto de regras norteadas por políticas e ações definidas para orientar o desenvolvimento físico-urbanístico de um conjunto de bairros vizinhos com características semelhantes” (PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO, 2010), o Plano de Estruturação Urbana (PEU) é um instituto exclusivo da legislação da cidade do Rio de Janeiro e, em outras palavras, “objetiva detalhar os condicionantes de ocupação territorial na escala de um bairro ou de um conjunto de bairros” (CARDEMAN, 2014).

para parcelamento⁵, o aumento do gabarito⁶, do índice de aproveitamento do terreno⁷ e da taxa de ocupação⁸. Esses quatro critérios da forma como foram combinados incentivaram e permitiram um adensamento urbano com repercussões negativas nos âmbitos urbanístico, econômico, orçamentário, ambiental e principalmente social. Isso porque uma maior demografia demanda mais investimentos públicos, o que por sua vez leva ao aumento do preço da terra abrindo caminho para a especulação imobiliária e a consequente expulsão das pessoas mais pobres para áreas periféricas e sem estrutura. Isso sem falar do custo da implantação de infraestrutura urbana e da geração de riscos ao meio ambiente (NAME, 2010).

O PEU criado para viabilizar as transformações urbanísticas planejadas para os grandes eventos esportivos de 2014 e 2016 vigorou integralmente até 2013, momento em que parcela dele foi suspensa pelo Decreto 37.958/13, o qual criou a área de especial interesse ambiental (AEIA) para os bairros de Vargem Grande, Vargem Pequena, Camorim e parte de Jacarepaguá, Barra da Tijuca e Recreio dos Bandeirantes. A partir daí outros decretos foram elaborados preservando a criação de AEIA, porém alterando os tipos de edificações excluídas da obrigatoriedade de licenciamento possibilitando o adensamento da região.

Em 2015, foi elaborada uma nova proposta de PEU, o Vargens Maravilha, com algumas modificações. A primeira delas visou a instituição de operação urbana consorciada (OUC Vargens), cuja finalidade principal é permitir que as intervenções urbanísticas sejam financiadas através de investimentos privados concretizados por meio da venda de certificados de potencial adicional de construção (CEPAC). De forma mais simplificada toda a negociação funciona da seguinte maneira: o interessado em edificar acima dos parâmetros máximos estabelecidos sem o pagamento de outorga onerosa pode adquirir o direito de assim proceder desde que dê uma contrapartida financeira através da compra de CEPACs. Esses certificados, então emitidos pela prefeitura, concedem ao seu comprador o direito de construir e ao seu vendedor um capital a ser aplicado na

⁵ Esse parâmetro indica qual o tamanho mínimo que um lote deve possuir para que possa ser dividido em lotes menores. A exigência de uma área mínima para parcelamento baixa representa a possibilidade de um adensamento elevado, tendo em vista existir um número muito maior de terrenos pequenos do que grandes.

⁶ Corresponde à altura máxima da edificação. Um aumento no gabarito representa um acréscimo no número de andares e de unidades habitacionais, levando a uma maior quantidade de moradores.

⁷ Mostra quantas vezes a área total do terreno pode ser aplicada à área total da edificação. Um coeficiente alto está associado a um maior aproveitamento do terreno através de um número maior de andares, levando à mesma consequência da nota anterior

⁸ Representa o quanto do terreno pode ser ocupado. Esse parâmetro alto também leva ao adensamento, na medida em que quanto mais se ocupa a área total do solo, mais extensa pode ser a construção.

[...] realização de obras, serviços e melhorias nas áreas situadas dentro dos limites desta OUC, relativas à infraestrutura urbana, saneamento, equipamentos urbanos e comunitários, espaços públicos de lazer e áreas verdes, programas e projetos habitacionais de interesse social e regularização fundiária, transportes e circulação viária, cicloviária e de pedestres, na forma do art. 31 do Estatuto da Cidade - Lei Federal nº 10.257, de 2001 (PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO, 2015).

Tendo em vista que esses certificados são vendidos pela municipalidade e que quanto mais valorizada a área a que eles fazem jus, mais dinheiro aquela arrecada, a tendência é a de que a prefeitura “passe a zelar pelo aumento da valorização fundiária, atuando no sentido de elitizar o uso do solo e remover os obstáculos à valorização da terra (como, por exemplo, as favelas, loteamentos irregulares e clandestinos de baixa renda)” (ARTICULAÇÃO PLANO POPULAR DAS VARGENS, 2017, p. 8). Outra importante implicação de uma OUC é a de que sua implementação, conforme ocorreu com a Operação Urbana Porto Maravilha, está vinculada à necessidade de realização, por parte do poder público, de uma série de benfeitorias capazes de indicar que a região é atrativa para o investimento privado e que gerará lucro. Como resultado, os recursos obtidos com as CEPACs podem acabar concentrando-se apenas nos setores de interesse do capital imobiliário deixando de ser aplicados nas camadas sociais de menor renda (ARTICULAÇÃO PLANO POPULAR DAS VARGENS, 2017) e nas instalações públicas que garantam uma vida mais digna.

Atualmente, o projeto de lei complementar conhecido por PEU Vargens Maravilha encontra-se na Câmara de Vereadores, tendo sido distribuído para diversas comissões sem nenhum parecer produzido. Em vista disso, vigorou o decreto 37.958 /13, responsável pela criação de AEIA, combinado com o decreto 44.704/18, que flexibiliza alguns pontos relativos ao licenciamento de construção e de parcelamento do solo, até o dia 05 de janeiro de 2019. Após essa data, voltou a prevalecer o PEU criado para a Copa do Mundo e as Olimpíadas, o qual desagradou não apenas os moradores, mas gera preocupação à Sub-secretaria de Meio Ambiente do município a ponto de propor um projeto na qual sejam criadas duas unidades de conservação (figura 2). Em uma delas haveria mais restrição nos parâmetros construtivos de modo a “garantir a sobrevivência de espécies ameaçadas de extinção principalmente nos brejos”, enquanto na outra existiria uma flexibilidade maior “permitindo, aqui e acolá, alguns loteamentos” (ALENCAR, 2018).



Figura 2. Projeto da Sub-secretaria de Meio Ambiente para a região das Vargens.
Fonte: Emanuel Alencar.

4 A RESISTÊNCIA

Diante desse cenário, a partir de 2016 moradores da região das Vargens começaram a se organizar em um grupo nomeado de Articulação Plano Popular das Vargens (APP) com o intuito de discutir e elaborar uma alternativa que correspondesse a

[...] um modelo de cidades que sirva à cultura local e não ao mercado, que sirva à cidadania e à gestão democrática da cidade. Que se coloque como plataforma para o Bem Viver (sic) não só dos moradores das Vargens, mas de todo o Rio de Janeiro, a partir de uma relação horizontal entre conhecimento local, movimentos sociais e pesquisa científica (ARTICULAÇÃO PLANO POPULAR DAS VARGENS, 2017).

Para tanto, moradores, lideranças populares, estudantes, pesquisadores e profissionais iniciaram em primeiro de outubro de 2016 conjuntamente com o Núcleo Experimental de Planejamento Conflitual (NEPLAC) do Laboratório Estado, Trabalho, Território e Natureza (ETTERN) do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) o curso de extensão “Formação de Planejadores Populares: Construindo o Plano Popular das Vargens”, o qual em agosto de 2017 apresentou uma primeira versão do plano popular. O curso, cujos objetivos consistiam em levantar e debater as prioridades populares para as Vargens e apontar as ameaças geradas pelo PEU Vargens Maravilha resultou na elaboração de um plano contendo princípios, propostas e ações e assentado em três eixos temáticos: 1) comunidades, regularização fundiária e planos locais; 2) morar, plantar e tradições:

agroecologia e direito à cidade; 3) infraestrutura, espaços públicos e mobilidade urbana (ARTICULAÇÃO PLANO POPULAR DAS VARGENS, 2017).

Para a elaboração do documento a APP reuniu-se durante os meses de outubro e novembro de 2016, dentro dos quais ocorreram apresentações de especialistas, relatos de moradores e agricultores, trabalhos de campos, oficinas e vivências, seguindo um cronograma que envolveu desde o reconhecimento da área através de sua história até o levantamento de demandas por parte da população (tabela 1).

DATA	ATIVIDADE
01/10	Apresentação da Articulação Popular das Vargens e do curso
08/10	História e memória da região
22/10	A região na cidade: trabalho com dados
23/10	Visita: Feira da Roça, quintais produtivos e trilha no Quilombo Cafundá Astrogilda
29/10	Visita às áreas de planejamento
05/11	Caracterização da população e do território
12/11	Mapeamento das demandas e formulação de propostas, considerando políticas públicas existentes
22/11	Elaboração do Plano: propostas e ações
26/11	Consolidação de Planos Populares e planos de ação

Tabela 1. Cronograma das atividades desempenhadas durante o curso de extensão "Formação de Planejadores Populares.

Fonte: elaboração da autora baseado em informações disponibilizadas pela APP (2018).

Em relação à composição do grupo chama a atenção a sua abrangência tendo em vista a participação de moradores e pessoas que de alguma forma têm ligação com o lugar, mas também a de instituições públicas como o IPPUR e a UFRJ, conforme mencionado anteriormente, e o colégio estadual professor Teófilo Moreira da Costa (CEPTMC), de coletivos como a Rede CAU, Rede Ecológica, Coletivo de Mulheres da Zona Oeste, Quilombo Cafundá Astrogilda, Quilombo do Camorim, Coletiva Hortelã, Vila Autódromo, entre outros, além de associações como a Associação de Moradores e Amigos de Vargem Grande (AMAVAG) e a Associação dos Agricultores Orgânicos de Vargem Grande (AGROVARGEM). A presença desta última foi de fundamental importância para a elaboração do plano popular uma vez que inseriu no escopo das demandas a necessidade de propostas visando a garantia da prática das atividades agrícolas e fitoterápicas no local, além da permanência e segurança de seus praticantes (proprietários de

quintais produtivos, pequenos agricultores e comunidades quilombolas), fato este completamente ignorado no projeto de PEU de 2015.

5 VARGEM GRANDE VALE A LUTA

A presença do lugar e das suas características naturais mostraram-se refletidas nas falas dos seis entrevistados, de modo a ser possível notar que o bairro se encontra incorporado na vida das pessoas. A ideia de “predestinação” e “transcendentalidade” apareceu na fala de duas pessoas que não eram originárias da região. Uma delas é Graça, que se mudou em 1996 para Vargem Grande. A mudança a princípio se deu pela disponibilidade de terrenos para comprar e construir sua casa e pela proximidade com o trabalho do marido. No entanto, após visitar o local, ela imediatamente se afeiçãoou por ele e, ao contrário da sua expectativa, logo se adaptou, conforme conta:

Me identifico... Me apaixonei por aqui. Parece que eu nasci aqui. Eu sinto como se morasse aqui desde criança, assim, entendeu: há mais tempo. [...] Eu achei que eu fosse levar uns 6 meses pra me adaptar aqui; em 2 meses eu já me sentia em casa.

A rápida adaptação parece estar relacionada com o acolhimento proporcionado pelos pequenos espaços, encarados como unidade (SIMMEL, 2013), nos quais os vínculos e os contatos interpessoais são maiores e as relações de **confiança** ainda fortes. “*Já conhecia todo o [mundo], os comerciantes principais... Já tinha conta na mercearia, [...] coisa de roça, né. Tinha conta até no posto de gasolina, vê se pode!*” Em outra passagem, a entrevistada lembra:

Eu tinha conta no açougue... Eu tinha conta em 4 lugares, no hortifruti, no posto de gasolina já não tinha, agora que me lembrei. Mas uma vez eu comprei gasolina fiado, porque eu tava sem dinheiro. Só em Vargem Grande, né. Naquela época.

O acolhimento inicial e a sensação de que “todo o mundo se conhecia” formam o afeto que emana *através e por causa* do bairro, contribuindo para o desenvolvimento de um **senso de identificação**, que veio acompanhado por um sentimento de **responsabilidade**. Essa responsabilidade, que ao mesmo tempo é sentida como um **dever** contribuiu para que Graça acreditasse que estava predestinada a viver em Vargem Grande.

Eu não sei qual a sua religião, se tem foco nisso para a sua pesquisa, mas eu sei que espiritualmente eu tinha que morar aqui justamente por causa disso, entendeu? De defender o meio ambiente daqui.

De igual forma, um outro entrevistado compartilhou dessa ligação espiritual. Guilherme não é morador original e sua chegada ocorreu há mais de 25 anos por meio de um convite para

viver na região e atuar na proteção da fauna e da flora do Parque Estadual da Pedra Branca. Apesar das dificuldades iniciais marcadas pela rusticidade e falta de infraestrutura básica, como energia elétrica, e de alguns desafios ainda presentes como a distribuição de água, o lugar já estava tão incorporado na vida de Guilherme que uma existência fora dele lhe parecia impensável.

A floresta é a nossa origem, né. As nossas origens são isso. E você quando está dentro das suas próprias, quando você faz esse retorno às suas próprias origens você não quer sair disso, né. Porque uma coisa que transcende o próprio material e vai pro nível da mais sutil, que é o nível espiritual. A espiritualidade da floresta, entendeu? E todo esse relacionamento que você tem com a criação divina, que é o cosmos, que você olha pro céu, você vê as estrelas, você vê a lua, não tem luz, sabe. Então eu não consigo me ver morando em outro lugar de jeito nenhum. Nem que fosse outro lugar semelhante, mas Vargem Grande já faz parte de mim. E eu faço parte de Vargem Grande.

A fala acima deixa claro que a relação cultivada com o espaço também exige um contato físico capaz de gerar uma “consciência de mútuo-pertencer” (SIMMEL, 2013), na qual as existências humana e natural se entrelaçam. O deleite sensorial ativa um **senso de pertencimento** ao conectar o sujeito à natureza, ao mesmo tempo em que desperta lembranças e sentimentos (SMITH *et al*, 2009). Ao falar sobre os aspectos de Vargem Grande que lhe agradavam, Graça recordou de um cheiro que marcava a região e que a tornava única e diferente.

Só sei que [...] [no quilombo], lá tem uma energia também assim, sabe. Sei lá... Por isso que eu tô te falando, não sei, **eu sinto o lugar**. E antigamente [...], não sei se foi depois, acho que foi depois da duplicação da Bandeirantes, quando a gente chegava, entre primavera e outono e inverno, no meio do ano, que era mais fresco, quando a gente vinha pela Rio Morto, que a gente fazia assim, que a gente virava na Bandeirantes pra fazer o retorno pra vim pra casa, tinha um cheiro diferente no ar, um cheiro de terra diferente. Que a gente falava “Ih, um cheiro de batata”. Parecia cheiro de... Sabe quando a gente tira a batata da terra que fica aquele cheiro? Era um cheiro de tubérculo, com terra. Tinha esse cheiro característico aqui. Sumiu. Não sei por quê. [...] Foi depois da obra. Não sei se era ali, não sei se tinha alguma coisa plantada ali, mas era um cheiro que ficava no bairro, sabe. Era uma coisa daqui, tem coisas que só acontecem aqui.

As peculiaridades do bairro representadas pela comunidade quilombola, pela proximidade e respeito pela natureza e pelo cultivo da terra fizeram com que seus moradores desenvolvessem uma identificação forte com o local. Aquiles conta que um trabalho de campo, no qual eram levados a conhecer o quilombo, estimulou o interesse dos alunos pela comunidade e pela história do bairro.

Nesse trabalho de campo lá na região do maciço da Pedra Branca, onde é o Parque da Pedra Branca, passou a haver uma relação grande com os moradores de lá que eles descreviam a situação para os alunos. Começaram a narrar “Ah, aqui já foi isso, já foi aquilo... A minha avó tá aqui há mais de 100 anos, não sei quem tá com quase 90 anos e nasceu aqui e todos nós estamos aqui já há muito tempo e a gente era agricultor...” E os alunos foram se interessando por essa narrativa. Então não era só a minha presença dando a visão geográfica, eram os moradores passando para os alunos a história, a relação deles

com a natureza, com a ecologia, com o que eles nem sabiam dessa relação que existia o nome agroecologia, que era a agricultura junto com a defesa da natureza, a agroflorestal que é a agricultura lá no meio de outras coisas lá no meio da floresta, com árvores, com a mata atlântica interagindo com alimentos. E muitos alimentos que ninguém nem conhecia, né, não sabia da existência [...]

Conhecer o lugar, mas também as pessoas que o habitam, fortalecem os laços sociais e afetivos. Na visão de Guilherme, mesmo com a chegada de gente de fora, esses laços ainda são bem firmes e constituem uma das características do bairro que mais lhe agrada.

O aspecto que me agrada em Vargem Grande é a relação que ainda existe entre as pessoas, né, que de alguma forma a Vargem Grande como sendo uma família, né, ela aproxima muita as pessoas. E as pessoas, muitas pessoas, quando chegaram aqui em Vargem Grande tiveram essa constatação, esse impacto, essa outra cultura. As pessoas são mais carinhosas, as pessoas são mais famílias. Então houve tipo uma adaptação de um bom número de pessoas. Então todo mundo se conhece e isso é uma coisa que a gente conseguiu manter, né. (Guilherme)

O carinho presente em Vargem Grande relaciona-se com a proximidade e a cordialidade com que os residentes se tratam. Por outro lado, Giovani nota uma ruptura dos vínculos acompanhada por um estranhamento e um consequente afastamento antes inexistente.

Todo o mundo sempre foi meu parente ou meu conhecido. Então eu andava na rua e as pessoas falavam “Olha, é o filho do Roberto [*nome fictício*]”. Me falam ‘bom dia’, ‘boa tarde’, e com o bairro crescendo você começa a perder um pouco esse contato com as pessoas, começa a chegar gente nova que não te conhece, fatalmente, e você para de falar, as pessoas param de falar com você [e] você, conseqüentemente, para de falar com as pessoas. (Giovani)

Essa percepção está relacionada com o crescimento do bairro, mas também com o alargamento dos núcleos familiares e com a perda das práticas culturais que atuavam no estreitamento dos laços. Apesar dos fatos que têm alterado a forma de se relacionar em Vargem Grande, a presença de um **senso de comunidade** ou de familiaridade faz com que alguns moradores sintam-se envolvidos em disputas que não os ameaçam diretamente, como conta Guilherme: *Eu tô lá em cima protegido dentro da floresta, mas existem pessoas que estão aqui embaixo que vão ser impactadas com esse PEU*. Nesse sentido, eles insurgem-se em prol de um benefício alheio. Essa forma de pensar e de agir, na qual o bem comum é apresentado como prevalecendo sobre as vantagens individuais, envolve a conservação da cultura local e do modo de relacionar-se com a terra, de maneira que a manutenção desses costumes é tão importante que eleva a luta a uma questão de sobrevivência.

[...] Então é muito triste você ver a nossa cultura sendo substituída por uma subcultura altamente destrutiva, né, como a alimentação. [...] Eu lá em cima, por exemplo, eu planto muita coisa pro consumo, eu não preciso comprar no supermercado, né. Eu planto muita coisa. Então, uma qualidade do alimento não tem nem comparação, né. E se as pessoas

puдessem ter isso em seus quintais novamente, sabe, e fazer, agricultural nos seus próprios quintais, seu próprio alimento, seria tudo diferente, né. Mas infelizmente, o mundo não gira mais assim. [...] As pessoas estão todas morrendo de câncer, porque a tendência é essa: todo o mundo morrer de câncer. Vai morrer de câncer por estresse, vai morrer de câncer pelo ar que respira, vai morrer de câncer pela qualidade da água que bebe, pelos alimentos que consome e é isso. O processo de autodestruição que a humanidade está caminhando. Por isso a luta de muita gente pra preservar os nossos costumes, proteger essa nossa relação com a terra, né. E é com essa força que eu trabalho, sabe. É com essa força que eu vivo, de não desistir nunca, de manter essa coisa até o fim, sabe, porque é uma questão de vida ou morte. (Guilherme)

Um outro exemplo dessa atitude acompanhada por uma preocupação com o outro é relatado por Yuri. Mesmo morador de outro bairro, ele já lutava contra a remoção de uma favela em Vargem Grande, na qual posteriormente viria a residir. Seu ativismo não se restringe à conservação de sua casa, pelo contrário, ele acontecia mesmo quando sua residência não estava ameaçada, porque parte da luta implica o desejo de ver mantido todo e qualquer lar. É isso que ele conta ao relatar uma conversa com um companheiro de luta quando pressionado para que se mudasse para Vargem Grande.

Você pode não ganhar, mas cê pode ganhar. E você tem que ir pra lá pensando que vai ganhar. [...] “Mas, Yuri, eu queria você lá”. “Mas eu tô com vocês. Eu não represento nada, não sou nada na vida. Eu sou apenas mais um, igual a você”. [...] “Mas, Yuri, se você não tiver alguma coisa lá você não vai brigar”. “Minha filha, a luta não é essa. Aprenda na sua vida que a luta não é a minha, ‘eu vou lutar pela minha casa”. [...] Na hora que você entrar lá e se você conseguir fincar seu pé lá, você tá lutando pela minha casa aqui. [...] Pra eu ficar aqui, eu tenho que lutar pela sua casa lá. É diferente. A luta é um conjunto de coisas. É muito maior do que o que você pensa. É um enfrentamento agora contra um sistema. E cada espaço que a gente conseguiu ocupar e ficar nele é uma vitória nossa e de todo o mundo. Né [só] de quem tá morando lá”. (Yuri).

Os **elos de solidariedade**, além de compreenderem atitudes que buscam antes de tudo atingir um objetivo coletivo e não individual, dizem respeito ao compromisso firmado com outros ativistas. O **comprometimento**, como observado por Becker (1960), é um dos motivos que leva à resistência, e no caso de Vargem Grande, resulta de um complexo de emoções que mistura o **gosto** e o **prazer** com a necessidade de participar da militância. Nesse caso, a necessidade, antes de corresponder a uma obrigação, representa o meio mais viável para se estar em contato com pessoas que compartilham um mesmo posicionamento ideológico. Ao mesmo tempo, estar junto significa ser solidário e sentir-se útil, gerando um sentimento de **alegria** e de **realização pessoal**.

Eu gosto de participar, preciso participar, né? Preciso pra agradar as pessoas, preciso pra me agradar. Eu gosto daquilo ali. Mas não tô vendo jeito. [...] Porque você acredita numa linha de raciocínio e aquele pessoal que tá ali fazendo aquilo ele tá brigando por transformação de sociedade, então se você tá lá junto, é convidado, e tá lá junto, você tá fazendo parte daquela transformação que você acredita, então cê tá, como diz, seu ego tá agradado por aquilo. Duas vezes, primeiro porque as pessoas lembraram de você como um agente de transformação e segundo, porque você tá dando uma contribuição praquele

momento, praquele espaço, entendeu? São duas coisas, juntas. Uma já é altamente alegre, traz uma felicidade danada, ainda mais duas, né? (Yuri)

Yuri fala em termos de convite quando se refere ao chamamento para ingressar em grupos que lutam por uma transformação que aos seus olhos é social. Esse chamado corresponde a uma contribuição que não precisa estar atrelada à produção de efeitos imediatos no tempo e no espaço. Existe, portanto, um envolvimento com uma causa que ultrapassa o âmbito local e que se concretiza através do desejo de conservar as diferentes formas de vida e de servir de exemplo para outras comunidades.

Uma proteção do direito de morar e plantar. Você pode colocar no plano cultural mesmo, né. Porque [...] nesse morar e plantar, tem toda a questão do uso da terra, né, e a terra... e tem a ver com a água. Então eu quero, não só pra aqui, pra essa periferia, né, pra outras periferias mundo afora, eu também quero a mesma coisa, só que a gente tá aqui. Vargem é aqui mesmo, né. Então eu quero isso [...] Eu acho que a gente tem como proteger terra e água pra morar e plantar. Eu quero é isso. (Iara)

A ação política em Vargem Grande é também movida por um sentimento de **frustração** por entender que seus direitos enquanto cidadãos estão sendo desrespeitados pela administração pública. Vivendo um processo de remoção que remonta a 2004 e uma mobilização mais intensa a partir de 2016, Giovani relata que a participação na Articulação Plano Popular das Vargens (APP) envolve a tentativa de se sentir visto e representado em um projeto que traga, além de melhorias ambientais e econômicas, ganhos sociais e culturais. Nesse contexto, a luta diz respeito à defesa da **dignidade** dos moradores de Vargem Grande, que veem suas maneiras de interação social e ambiental constantemente atacadas por projetos governamentais que não contemplam suas formas de vida.

O que eu senti naquela época foi uma sensação de “De novo, de novo a gente ainda não conseguiu atingir a prefeitura pra que ela olhe pra gente, pra que ela olhe pra gente que está ali”. Esse PEU [de 2015], ele... O anterior a esse [PEU de 2009], ele era muito ruim. O PEU [de 2009] que vai entrar em vigor agora em janeiro de novo se o Crivella não sancionar, não expandir o decreto da área de especial interesse ambiental, que a cada 6 meses ele tem que renovar, vai voltar a valer o de 2009, que era um PEU muito ruim. E aí, quando eles trouxeram o PEU novo, de 2015, a minha primeira sensação foi “Tá, vamo ver o que é que eles estão propondo de diferente”. E na medida que eu comecei a ver que eles não tavam propondo nada de muito diferente, que beneficiasse as pessoas que estavam ali... Tinham algumas questões positivas, enfim, tinham alguns pontos que melhoravam a questão do meio ambiente, mas as pessoas em si foram esquecidas. Elas não estavam... Eu não estava presente no PEU, eu não estava sendo visto pela legislação que se proponha a ver as pessoas do lugar e melhorar a vida das pessoas que tão [sic] no lugar. Tudo bem que são as que vão vir também, mas prioritariamente uma legislação que tem que melhorar a vida dos que tão [sic] ali. Enfim, toda a infraestrutura para os que estão ali, e aí foi essa sensação de “Poxa, de novo não tão vendo a gente ainda. Então a gente vai precisar fazer alguma coisa pra mostrar que a gente tá aqui”. Então a gente começou a criar a articulação do plano popular. [...] Por mim, eu continuo ali contribuindo e fazendo com que o bairro seja positivo pras pessoas. Eu acho que as pessoas têm que

ter o direito de conhecer sua cultura, conhecer a cultura do seu bairro e tem o direito de escolher o tipo de vida que elas valorizam. Elas têm que ter escolha. Não é “Você tem que sair da sua casa, porque aqui vai ser construído um prédio”. Quais são as opções pra que eu fique aqui, pra que se eu quiser sair, eu saia daqui, para que junto a gente pense numa nova solução, enfim, acho que é isso. (Giovani)

Como um todo, a resistência em Vargem Grande pode ser compreendida com base na visão de Besse (2014, p. 45) de que a paisagem “deve ser entendida como o ponto de encontro entre as decisões humanas e o conjunto das condições materiais (naturais, sociais, históricas, espaciais, etc.)”. Assim a luta contempla a propositura de um espaço inclusivo e harmônico com as favelas e com o meio ambiente, de modo a servir de exemplo para o resto da cidade.

O plano popular foi pra mostrar que é possível uma outra cidade. Não é uma cidade sem a população carente, sem a natureza como foi feita a expansão da Barra da Tijuca. Então a gente espera que os moradores da região como um todo e os moradores dos outros bairros sensibilizem porque é uma questão de todos, né. Uma região de fragilidade ambiental, de Mata Atlântica, de proximidade ao mar... A gente espera sempre mostrar que é uma luta de todos, toda a cidade do Rio de Janeiro. Com alimentos mais limpos, uma agricultura orgânica, familiar... Pra que não surjam novas comunidades com altos índices de violência, né. As comunidades aqui são comunidades pacatas. Comunidades de trabalhadores da construção civil, (...) de domésticas, de agricultores que se mudar o estilo de vida e o perfil do morador pode fazer com que as comunidades se tornem tão violentas como as outras que dominam a cidade do Rio de Janeiro. Então é uma ideia de integrar a natureza, o ser humano. Uma expansão humana mais humana, mais voltada pra integração mesmo e não pra discriminação, não pra segregação. (Aquiles)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da relação íntima com o bairro, o qual foi visto por alguns entrevistados como fazendo parte da própria corporeidade, Vargem Grande se mostra importante não apenas enquanto lugar no qual ações se desenvolvem, mas onde vínculos são criados e cultivados gerando em seus moradores sentimentos de confiança, identificação, pertencimento, solidariedade, responsabilidade. Como consequência disso, o comprometimento com as características que dão valor à região, isto é, a natureza, as pessoas, o quilombo, os aspectos culturais, moveram seus moradores a se engajarem num movimento de resistência que não objetivava necessariamente uma realização pessoal, mas coletiva. Nesse sentido, a preservação do lugar corresponde à manutenção da comunidade, ou seja, **a proteção do ambiental implica a defesa do social**. O elo observável entre o ambiental e o social torna possível entender como a relação com o lugar influencia a resistência no caso de Vargem Grande.

Nesse sentido é possível afirmar que essa resistência se deu a partir da organização política de moradores e não moradores que tinham como propósito a preservação das características naturais, mas também dos modos de vida e da história local, uma vez que o lugar se faz a partir da natureza, dos significados e das relações sociais (SACK, 1997). Assim, embora algumas lutas sejam feitas prevendo apenas a preservação dos aspectos ambientais, no caso de Vargem Grande o que as entrevistas pareceram indicar foi que a ação política seria sensivelmente dificultada se não existisse uma relação afetiva que se dá de dois modos: 1) entre os moradores e 2) entre os moradores e o bairro. Nesse contexto, tanto os vínculos estabelecidos, quanto as memórias e as histórias construídas *por causa do* e *em torno do* bairro, foram de fundamental importância para o entrelaçamento entre resistência, emoção e lugar.

7 REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Emanuel. **Batalha na Zona Oeste do Rio: preservar ou construir?** 2018. Disponível em: <<https://projecolabora.com.br/cidades/batalha-na-zona-oeste-preservar-ou-construir/>>. Acesso em: 9 jan. 2019.
- ARTICULAÇÃO PLANO POPULAR DAS VARGENS. **Plano Popular das Vargens: Sumário executivo.** Rio de Janeiro, 2017.
- BECKER, Howard. Notes on the concept of commitment. **The American Journal of Sociology**, v. 66, 1960.
- BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo: Exercícios de paisagem.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.
- CARDEMAN, Rogério Goldfeld. A transformação da paisagem, desenho e forma urbana: o PEU das Vargens e as questões iniciais. **Paisagem e Ambiente**, USP. São Paulo, 2014, n 34, p. 37-60, dec. 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/paam/article/view/97115>. Acesso em: 02 fev. 2018.
- FERNANDES, Tatiana. Barra da Tijuca (RJ), Plano Piloto, Legislação e Realidade: o processo de urbanização, ocupação e suas consequências ambientais. **Revista VITAS – Visões Transdisciplinares sobre Ambiente e Sociedade**, Niterói, ano 3, n 6, abr. 2013. Disponível em: http://www.uff.br/revistavitas/images/Barra_da_Tijuca_plano_e_realidade.pdf. Acesso em: 02 fev 2018.
- IPP - Instituto Pereira Passos. **Bairros cariocas.** Disponível em: <http://pcrj.maps.arcgis.com/apps/MapJournal/index.html?appid=096ae1e5497145838ca64191be66f3e3>. Acesso em 30 jan. 2018.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Definições – Áreas Urbanizadas.** Disponível em: ftp://geoftp.ibge.gov.br/organizacao_do_territorio/tipologias_do_territorio/areas_urbanizadas_do_brasil/2015/01_L_EIA_ME.txt. Acesso em: 30 jan 2018.
- LUTZ, Catherine A. Emotions, Thought, and Estrangement: Western Discourses on Feeling. In: **Unnatural emotions: everyday sentiments on a Micronesian atol and their challenge to western theory.** Chicago: The University of Chicago Press, 1988, p. 53-80.
- MIRANDA, Karinna Adad de. **O que se perde ao perder a casa: o papel das emoções na resistência em Vargem Grande.** 2019. 117f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.



NAME, Leonardo; CARDEMAN, Rogério Goldfeld. Cenários de ocupação e transformação da paisagem na Baixada de Jacarepaguá, Rio de Janeiro. **Mercator** - Revista de Geografia da UFC, Fortaleza, vol 13, n 2, mai-ago, 2014, p. 61-78. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/1124>. Acesso em: 02 fev. 2018.

ROSALDO, Michelle Z. Toward an anthropology of self and feeling. In: **Culture theory: Essays, on mind, self, and emotion**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984, p. 137-157.

SACK, Robert David. **Homo Geographicus: A framework for Action, Awareness, and Moral Concern**. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1997.

SIMMEL, Georg. Sociologia do espaço. In: **Estudos avançados**, São Paulo, v 27, n 79, jan. 2013, p. 75 – 112.

SMITH, Mick; DAVIDSON, Joyce; CAMERON, Laura; BONDI, Liz. Introduction: Geography and Emotion – Emerging Constellations. In: **Emotion, Place and Culture**. Farnham: Ashgate Publishing, 2009, p. 1 – 18.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.